

2009 - Todos somos democratas desde que...

Todos somos democratas desde que…
por: Eugénio Costa Almeida©

África continua a estar nas rotativas, nas televisões ou nas rádios – infelizmente, quase sempre – pelas razões menos recomendáveis. Quando não são questões ligadas à pobreza extrema, às doenças, nomeadamente o HIV/SIDA e a malária, à corrupção ou à má governação, é-o pela vontade de certos democratas em aceder ao Poder por qualquer que seja a razão ou os meios utilizados. Recentemente assistimos a mais um eventual “Putsch” em São Tomé e Príncipe com o caso dos ex-Búfalos e de personalidades afectas ao pequeno e obscuro partido da FDC serem detidos. Mais recentemente vimos, na Guiné-Bissau, como a morte de dois líderes antagónicos no Poder e, segundo falam os mujimbos (boatos), também em negócios menos ponderados, pôde ter transformado crimes – porque de crimes se trataram independentemente das cogitações dos mesmos – em quase Golpe palaciano com a pressa na eleição de um Chefe de Estado-Maior, facto que é da responsabilidade do Presidente eleito em vez, como se verificou, do Governo o qual se prepara para ver o seu líder ser candidato à Presidência. Mais anteriormente assistimos a dois casos claros de tomada de poder por militares, sob o protesto de má -governação ou vazio do poder. Foram os casos da Mauritânia, na primeira situação, e da República da Guiné (Conacri), na segunda. Ou, e de certa forma também o foi, embora por razões partidárias e de má convivência, a queda de Thabo Mbeki, na África do Sul. Porque, parece, que o poder volta a estar a ser um facto apetecível para certos “democratas” temos assistido na República Malgache (Madagáscar) a uma clara tentativa de tomada de poder por parte de um “jovem turco” e ex-presidente da Câmara de Antananarivo, Andry Rajoelina. Rajoelina foi um renomado DJ, que conseguiu ascender ao topo de uma cadeia de Comunicação Social e que, desde Fevereiro passado, tem procurado fazer cair o presidente eleito – registre-se, por via democrática. – Marc Ravalomanana, quer através de incitamentos populares, quer por via de instigação a pronúncias militares. Felizmente que, ao contrário de certos países africanos, o sector castrense malgache nunca teve pretensões nem vontade em tomar o Poder, independentemente de factos ocorridos na noite e madrugada de 16 e 17 de Março que parecem indiciar uma mudança em certas baixas elites castrenses que quiseram tomar o palácio presidencial, embora certos analistas e diplomatas tenham afirmado que as movimentações foram mais para restabelecer a ordem pública – recorde-se que tem ocorrido demasiadas vítimas entre os contestatários recrutados por Rajoelina – do que uma tomada de Poder. Porque o perigo do poder cair na rua é algo que um bom dirigente político não pode permitir e sentindo que começava a não ter mão em todos os sectores castrenses, como comprovaram os acontecimentos ocorridos nos dois citados dias, Ravalomanana propôs-se demitir o Governo e transferir, ainda que, parece, à data que escrevo esta análise, temporariamente e sem apresentar qualquer carta de demissão, os destinos da Nação Malgache para uma Junta Militar constituída por generais, entre os mais antigos e mais graduados das Forças Armadas, polícia militar e polícia. Paralelamente, Rajoelina dado que apesar das claras suas intenções populistas e presidencialistas, temendo ver a presidência a tanto ambiciona ser-lhe vedada, assumiu escolher presidir a uma nova entidade, entretanto, criada denominada Alta Autoridade para a Transição que preparará, numa eventual e efectiva demissão de Ravalomanana, o País para eleições antecipadas. O problema não está tanto nesta parece sensata atitude mas no facto de Rajoelina querer de qualquer forma o poder para o que se considera mais apto. E para isso o “jovem turco” conta com o apoio uma larga fatia popular e de alguns, poucos mas mesmo assim importantes, chefes militares. Rajoelina defende a queda de Ravalomanana acusando-o de tirano e vendedor da Pátria a interesses estrangeiros, se bem que não qualificados, mas esquece-se que Ravalomanana foi eleito democraticamente e que não tomou o Poder pela força, mesmo que esta fosse a força da razão. Se Rajoelina considerava que o país est(á)va mal governado e que deveria haver uma substituição na mais alta magistratura da Nação Malgache, o que se lhe exigiria era solicitar ao Parlamento, através do Presiente da Assembleia Nacional, a demissão do presidente Ravalomanana e convocação de novas eleições. Todos são democratas desde que sejam salvaguardados, primeiro e acima de tudo, os seus interesses particulares. Só que Rajoelina sabe que não tem idade para ser eleito presidente e por isso tentou, ou tem tentado, tomar o poder através da implosão popular e de um eventual descontentamento que consiga criar junto do sector castrense. Caberá, claramente e sem ambiguidades, como as que se verificaram na Mauritânia e na Guiné-Conacri, à União Africana, em primeiro estágio, e à Comunidade Internacional, como segunda entidade, impedir que o Poder caia para as mãos de um “revoltoso” que sob a capa da denúncia da tirania mais não quer que assumir o poder do país. Esperemos para ver se a Junta Militar acaba(ou) ou não por aceitar, ainda que temporariamente, o Poder e se mostra ao Africanos que ainda há sectores que colocam os reais interesses da Nação acima dos interesses particulares. Se assim for talvez, provavelmente, os militares guineenses e mauritanos entreguem mais depressa a governação dos seus países aos civis e, em outros locais, os sectores castrenses ponderem primeiro sobre se, realmente, devem intervir na política partidária e governativa. Mas como quem dirige, actualmente, os desígnios da União Africana é um antigo golpista que está no poder há quase 40 anos (golpe de 30 de Setembro de 1969) e é assessorado por outros países cujos governantes também não são, nem pouco mais ou menos, rosas de porcelana… 17/Mar/2008©Publicado no semanário santomense Correio da Semana, ed.208, de 21-Março-2009, (<http://www.correiodasemana.info/spip.php?rubrique10>)